Mediadores nas tragédias: um estudo sobre as coberturas da morte de Senna e da queda do avião da Chapecoense[1]

Vernihu Oswaldo Pereira Neto[2]
Michele Negrini[3]
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente artigo tem a intenção de analisar a importância dos mediadores para coberturas de tragédia na televisão. Os casos observados são: a morte do piloto Ayrton Senna e a queda do avião da equipe de futebol Chapecoense, que vitimou 71 pessoas. Apartir dos modos de endereçamento, analisaremos as posturas dos mediadores, que trabalham nos programas da Globo, nos dois casos. Vinte e dois anos separam as duas tragédias, a tecnologia evoluiu muito, mas nesse tipo de cobertura, a presença do jornalista é um fator diferencial.

Palavras-chave: coberturas de tragédias;Ayrton Senna; Chapecoense; Mediadores; Modos de Endereçamento.

Introdução:

Fim da ditadura militar (1985). Presidente morre dias antes da posse. Inflação altíssima. O futuro não parece nem um pouco promissor em terras tupiniquins. No futebol fonte de alegrias inesgotáveis, decepções em cima de decepções. Eis que surge um brasileirinho, franzino, de olhar profundo, chama a atenção do mundo inteiro e no auge de seu desempenho levanta a bandeira verde e amarela. Mostra ao povo brasileiro que é possível. Que os brasileiros podem chegar ao alto do pódio. Ayrton Senna da Silva nome mais brasileiro impossível. Aquele homem que fazia um país inteiro acordar cedo aos domingos só para ver aquele paulista que deu certo, só para sentir aquele orgulho que parecia distante, aquele orgulho contado por pais e avós, finalmente aquela sofrida geração podia sorrir.

Fittipaldi e Piquet também foram campeões, mas não tinham o carisma de Senna. No dia 1º de maio de 1994, Ayrton, mais uma vez uniu o país, mas dessa vez

1. Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2. Estudante de Graduação 3° semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com
3. Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: mmnegrini@yahoo.com.br

seria na preocupação e logo em seguida, na tristeza. O fim de semana daquele 1º de maio estava carregado com uma aura pesada, após o grave acidente com o piloto brasileiro Rubens Barrichello na sexta e a morte do austríaco Roland Ratzenberger no sábado. Logo na largada da corrida, o português Pedro Lamy bateu forte e, logo em seguida à relargada, Ayrton Senna da Silva passou reto na famosa curva Tamburello e dali só sairiam lágrimas dos olhos dos brasileiros.

Impeachment. Prisões de políticos. Queda de Ministros. Vinte anos depois o país estava novamente sem perspectiva de futuro. E novamente era do esporte que vinham as poucas alegrias deste povo. E um pequeno time catarinense seria o representante brasileiro no final de uma competição internacional. A simpática Chapecoense conquistou a torcida do país todo ao chegar à final da copa Sul-Americana, o pequenino time catarinense estava em meio a gigantes. Jogadores que tinham passagens por grandes times se juntavam ali para formar o maior esquadrão de suas vidas. Mas o destino, esse velho crupiê, quis que fosse diferente, quis que os brasileiros chorassem, não pelas conquistas, mas pelas perdas. O avião da LaMia que levava os jogadores para o jogo final da copa sul-americana na Colômbia ficou sem combustivel e produziu uma das maiores trágedias do mundo esportivo em toda a história e a maior da imprensa brasileira matando 71 pessoas, entre eles 47 funcionários da Chapecoense - entre diretoria, comissão técnica e jogadores - 20 jornalistas e 7 membros da tripulação. Sobreviveram três jogadores, um jornalista e dois membros da tripulação.

As duas tragédias marcaram a história do jornalismo brasileiro. Vinte e dois anos separam a morte de Senna da queda do avião da Chapecoense.Nesse tempo, a tecnologia muito mudou, mas a complexidade desse tipo de transmissão está nas mãos dos profissionais de imprensa: apresentadores, jornalistas, narradores, comentaristas, cinegrafistas, editores. Alguns profissionais foram os responsáveis por trabalhar na cobertura das duas tragédias. Como por exemplo, Galvão Bueno e Roberto Cabrini. Na Rede Globo de Televisão, ambas as coberturas tiveram grande espaço nas grades de programação. Em 1994, coube a CidMoreira, da bancada do Jornal Nacional, noticiar a morte de Ayrton Senna. Em 2016, William Bonner teve responsabilidade parecida.

No Brasil, alguns telejornaisjá fazem parte da cultura e da rotina da população. O famoso “boa noite” de William Bonner é respondido por milhares de pessoas todos os dias. A televisão leva esportistas e artistas para dentro das casas e, ali, com aquela convivência sempre com dia marcado, aqueles idolos passam a ser parte de milhares famílias. Suas

mortes, principalmente as em grandes tragédias, deixam milhares em lágrimas como se tivessem perdido familiares. Estudos sobre tais pontos são necessários, pois analisam uma parte importante da cultura brasileira. O povo brasileiro tende a buscar heróis, especialmente em momentos de crise. Assim, quando um deles nos deixa, especialmente se for de forma trágica, todo o país chora.

Este artigo tem como objetivoanalisarcomo os diversos profissionais mediaram as duas tragédias, seja com programas especiais ou em seus noticiários regulares, como o Jornal Nacional ou o Fantástico. Tendo como foco as coberturas da Rede Globo e dos canais Sportv (afiliados a rede Globo), o estudo terá suporte teórico metodológico os modos de endereçamento.Como objetos para análise, utilizaremos trechos de diversos programas da grade horária da Tv Globo e dos canais Sportv. Programas esportivos, telejornais e até programas de entretenimento que tenham feito coberturas sobre os casos.

O Telejornalismo e a cobertura de tragédias

Cobertura. Uma palavra, muitos significados. O dicionário de língua portuguesa Aurélio nos traz onze significados diferentes para esta palavra. Em temas tão variados quanto jornalismo, vinhos, ferraduras ou capas de livro. O lugar comum entre eles é a proteção e a união. Cobertura é algo que protege e que une. Para o jornalismo, o dicionário diz que: “Conjunto de reportagens ou de materiais jornalísticos sobre um acontecimento.” Ou seja, a união de todas as informações sobre determinado assunto.

Os pesquisadores Cárlida Emerim e Antonio Brasil (2011, p.4) nos dizem que cobertura é: “o trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado”. Para os pesquisadores, existem grandes e pequenas coberturas. Porém, a cobertura de grandes tragédias é o ápice de qualquer tipo de jornalismo, especialmente o televisivo.

> Em tempo, tragédias ou desastres é o grande momento de qualquer tipo de jornalismo, ainda mais na tevê. Muito embora, na atualidade, “a moda” seja explicar aos telespectadores os processos técnicos que a televisão opera para transmitir as atrações que oferece. (...)A definição da terminologia transmissão direta, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência foi apresentada por Elizabeth Bastos Duarte, no livro Televisão: ensaios metodológicos, de 2004 e refere-se àquele tipo de transmissão dos acontecimentos que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, ou seja, com exibição em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento.(EMERIM; BRASIL, 2011, p.4)

A cobertura de tragédia nos traz uma dificuldade extra já que não se pode prever quando irá acontecer, diferentemente de outras grandes coberturas, como posse de

presidentes ou grandes vitórias esportivas. Sendo assim, um dos principais traços a se observar é o improviso. No caso de Ayrton Senna, seu acidente ocorreu durante uma corrida. Os profissionais que ali estavam para cobrir a corrida foram pegos de surpresa e tiveram que refazer toda sua programação e atuação perante o novo desafio que lhes era imposto. O narrador Galvão Bueno precisou, por algumas vezes, trocar de papel com o comentarista Reginaldo Leme para conseguir manter a transmissão. Já que, além de trabalhar com fórmula 1 há anos, era amigo pessoal de Senna. No caso da queda do avião da Chapecoense o repórter Fernando Saraiva do Sportv entrou ao vivo às 4h10 da manhã, interrompendo a programação do canal, e continuou até perto das 8h dando informações sobre o acidente e conversando com a repórter Livia Laranjeira, que estava no local da tragédia.

Émellem Veleda da Rosa nos diz que:

> Na concepção de Emerin e Brasil (2011), as grandes coberturas, geralmente, são compostas por fatos que promovem interesse nas pessoas, e mexem com a rotina social. Neste contexto, as tragédias geralmente ganham espaço na mídia, sendo tema de grandes coberturas. As tragédias mexem com questões como a desestabilização da ordem social de forma imprevisível e irreversível. Segundo Luna (2005), a tragédia é um tema que garante altos índices de audiência nos meios de comunicação por ser um tema que intriga a sociedade.(p.22 Ano 2015)

A morte é um assunto que mexe com o imaginário das pessoas. Na literatura, ela é contemplada de diversas formas. É um tema que disperta o interesse das pessoas, ainda mais quando um grande idolo morre, ou quando uma grande tragédia ocorre. A busca por informação e o periodo até a aceitação instiga as pessoas a acompanharem coberturas de tragédias.

A morte como inicio:

O jornalista e escritor Pedro Bial em sua crônica “Morte” nos diz que “a morte é o rídiculo da vida”. Mas essa consciência sobre a morte é o que nos faz humanos. A vida só tem sentido porque tem fim, a morte é uma parte imprescindivel à vida.

Ayrton Senna diziater medo da morte, mas também que o medo lhe causava fascinio: “Tenho medo da morte e da dor, mas convivo bem com isso. O medo me fascina.”

Nelson Rodrigues (1997, p.110), jornalista e cronista, definiu a morte de forma simples: “A morte é anterior a si mesma. Começa antes, muito antes. É todo um lento, suave, maravilhoso processo. O sujeito já começou a morrer e não sabe.”

Para o telejornalismo, as mortes de pessoas famosas recebem mais destaques, mortes de pessoas comuns só conseguem destaque se acontecerem em circunstâncias

especiais, como grandes tragédias naturais, quedas de aviões, naufrágios etc. Segundo Barbosa (2004), são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. Nelson Rodrigues (1997, P. 110) compartilha da ideia de Barbosa:

> A morte natural é própria dos medíocres. O medíocre tem de fazer uma força tremenda para morrer tragicamente. Ele morre de gripe, de pneumonia ou da empada que matou o guarda. Já o grande homem sempre morre tragicamente. Veja o caso de Lincoln, de Gandhi, de Kennedy.

Galvão Bueno, em seu livro autobiográfico fala em "sequência natural da vida":

> Aprendi uma lição nesses anos todos que tenho de Fórmula 1: que o show não pode parar, que a vida vai se reciclando. No dia, no exato dia em que Gilles Villeneuve, que era um gênio – de uma Fórmula 1, mas um gênio de talento, de arte, um showman – morreu, naquele dia eu conheci um garoto pequenininho, magrelinho, orelhudo, que se apresentou como "da Silva" e se transformou no maior piloto de todos os tempos, na minha modesta opinião. Essa é a sequencia natural da vida.(p.186 Ano 2015)

Na literatura temos inúmeros autores que tratam a morte. Grandes mestres mundiais, sejam escritores ou filósofos, estudam e escrevem sobre a morte. Alguns utilizam argumentos baseados na espiritualidade, outros buscam razões fisícas para explicá-la, mas a todos cabe a dúvida e o desejo de entender porque a vida chega ao fim.

Suporte teórico metodológico: mediadores como modo de endereçamento.

O conceito de modos de endereçamento surgiu com as analises de filmes. Dentro do contexto do telejornalismo, eles são aplicados na análise da forma como os telejornais interagem com o espectador. Segundo os autores Morley e Brunsdon (apud Gomes, 1999), modo de endereçamento é a forma como cada programa estabelece um vínculo com o seu espectador.

O teórico Daniel Chandler (apud Gomes, 2011) diz que a forma como nos relacionamos com as imagens depende de nossa bagagem cultural, momento e local em que vivemos. A forma como cada um irá olhar uma mesma imagem pode variar muito. A cada um o seu totem. (Silva, 2014).

Em uma cobertura sobre velório, por exemplo, temos uma grande variação na forma como cada cultura trata a morte. Para culturaspré-hispânicas, como a mexicana, a morte, o culto aos mortos, é motivo de festa. Lembram-se os mortos e suas qualidades, seus gostos e sua alegria. No dia dos mortos (dois de novembro), as famílias vão aos cemitérios com comidas, bebidas e músicas para celebrar seus mortos. Nas palavras de Octavio Paz (único prêmio Nobel de literatura mexicano): "Nosso culto à morte é um culto à vida". Dentro

desse contexto, se os meios tratarem a morte de forma pesarosa, lenta e nebulosa não seria bem recebido pela população. Já em países como o Brasil, onde a dor da perda e a antecipação da saudade são a síntese de velórios, noticiá-los com músicas, ou clima festivo poderia ser considerado, pela população, uma ofensa.

Chandler apud (Gomes, 2011) diz que os modos de endereçamento dão uma nova forma de ver e sentir os signos, uma nova lente. Se uma obra do período renascentista for mostrada sem nenhum contexto, cada pessoa fará uma leitura, mas se o contexto for explicado e a história do autor apresentada, a leitura daquela obra terá um maior embasamento e será mais válida do ponto de vista teórico.

Considerando a complexidade do jornalismo televisivo, ferramentas como a análise do discurso e dos signos mostram-se insuficientes em alguns casos. Perante isso, Gomes (2007) descreve quatro operadores de análise dos modos de endereçamento: 1- o mediador; 2- o contexto comunicativo; 3- o pacto sobre o papel do jornalismo; 4 - organização temática. Para fins do presente artigo, daremos foco nos mediadores.

O Mediador:

Apesar de todos os aparatos técnicos e de toda a tecnologia presente no processo comunicacional, cabe aos mediadores o papel mais importante e mais complexo. Especialmente em coberturas de momentos extremos, sejam eles de alegria ou de dor.

Entre os diversos mediadores que podemos citar estão os editores, apresentadores, comentaristas, cinegrafistas e repórteres. Gomes (2007) coloca a cargo do apresentador a identidade do telejornal e a ligação entre programas-espectador.

> Mas o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior no programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e que "carrega" para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados (GOMES, 2007, p24).

Mesmo em programas reconhecidos, como o Esporte Espetacular ou o Jornal Nacional, os mediadores, no caso apresentadores, determinam como será o contato com o público. Figuras marcantes como Cid Moreira e William Bonner têm leituras diferentes do mundo, sendo assim, trabalham de forma distinta mesmo quando em coberturas de pautas semelhantes, como os velórios de Senna e da Chapecoense. Outro mediador, comoo apresentador Fausto Silva, reservou parte de seu programa para noticiar e comentar ambos os acidentes. Repórteres, cinegrafistas, narradores e comentaristas que trabalharam

diretamente com as tragédias como, Reginaldo Lemeno caso Senna e Lívia Laranjeira no caso Chapecoense. Ou então, Galvão Bueno e Roberto Cabrini, que trabalharam em ambos os casos, também podem ser elencados como mediadores.

O Contexto Comunicativo

Nesse item, Gomes (2007) elenca a importância do contexto do emissor e do receptor para que a comunicação ocorra. Analisa a forma como cada telejornal se comunica com os espectadores: qual linguagem, cenário, cores, etc.

> Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente ("você, amigo da Rede Globo", "para o amigo que está chegando em casa agora", "esta é a principal notícia do dia", "Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você", "você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está") – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, 2007)

Para José Luiz Braga (1994, pp. 300-301), o ambiente em torno das notícias pode alterar a forma como elas são recebidas. Para o autor, "uma conversa na televisão se aparentaria a essa situação 'em cena' – mas o território que é o estúdio, e o meio de longa distância, impõem outras características" (BRAGA, 1994, 301)

O pacto sobre o papel do jornalista

Neste ponto cabe elencar os pactos entre telejornais e telespectadores. Os motivos que fazem o espectador assistir o telejornal "X" e não o de outro canal. Para Gomes (2007), é fundamental compreender como o programa trata temas importantes.

> Como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as ideias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera.

O modo como as emissoras utilizam novas tecnologias para complementar as informações deve também ser analisado.

Organização Temática

A organização temática consiste na forma como o telejornal é organizado. Editorias parecidas são aproximadas para prender o telespectador por mais tempo. A figura do mediador é muito importante para isso, ele que conduz o público pelas diversas editorias.

Para a pesquisadora Itania Maria Mota Gomes: "a arquitetura dessa organização implica, por parte do programa, a aposta em certos interesses e competências do telespectador" (GOMES, 2007. p. 20).

Em casos de grande emoção, sejam elas alegres ou tristes, a arquitetura organizacional dos telejornais sofre grandes alterações. Especialmente em casos de grandes tragédias. Muitas vezes, o programa dedica todos os seus blocos para essa noticia. Ou então intercala noticias já programadas com entradas ao vivo de repórteres no local das tragédias trazendo novas informações do caso.

Os fazedores de sonho:

A história do telejornalismo brasileiro anda de mãos dadas com as tragédias que assolaram o país. Seja com tragédias de ordem natural, como secas e desabamentos. Com quedas de aviões, como da Chapecoense ou o dos Mamonas Assassinas. Com mortes de famosos jovens como Cazuza e Renato Russo. Ou com acidentes como o de Senna. Dentro desses contextos,os mediadores dos telejornais levam emoção e informações aos telespectadores.

Fala, Galvão:

Carlos Eduardo dos Santos Galvão Bueno, conhecido apenas por Galvão Bueno. Tem uma das vozes mais conhecidas do Brasil. Pela Globo, cobriu inúmeras Copas do Mundo de Futebol, Olimpíadas, temporadas da Fórmula1, entre outras conquistas do esporte brasileiro pelo mundo. De Gustavo Kuerten a Popó. De Senna a Ronaldo. Criador de bordões fez diversas gerações sonharem. Mas coube a ele cobrir as duas maiores tragédias do esporte brasileiro: a morte de Ayrton Senna, que também era seu amigo; e a queda do avião da Chapecoense, onde também perdeu amigos pessoais.

"Senna bateu forte". Foi essa a reação de Galvão no momento em que Ayrton Senna passou reto na curva Tamburello e bateu. Bueno narrava à corrida de Imola naquele primeiro de maio de 1994. O narrador estava acompanhado por Reginaldo Leme, como comentarista, e Roberto Cabrini, como repórter. A preocupação de todos ficou evidente. Os apresentadores ficaram claramente irritados com a demora da equipe médica. No decorrer da corrida, o narrador deixou a cabine varias vezes, deixando a transmissão nas mãos do companheiro Reginaldo Leme. Apesar de neste tipo de cobertura não vermos os narradores

e comentaristas, apenas pelo tom de voz de ambos, percebia-se a seriedade do acidente e o tamanho da preocupação deles.

No amanhecer do dia da queda do avião da Chapecoense, Galvão já estava no "Bom dia Brasil" junto com os apresentadores Rodrigo Bocardi, Luis Ernesto Lacombe, Chico Pinheiro e Ana Paula Araujo. O programa que, normalmente, é apresentadono Rio de Janeiro foi transmitido o tempo todo em dois estúdios. Bocardi e Galvão estavam em São Paulo e apareciam no telão para os demais apresentadores.Todos se encontravam em pé e com o semblante sério, atenções voltadas para Galvão Bueno, que mesclava opiniões, como o pedido para que todos os jogos de futebol fossem adiados para o ano seguinte, com informações, principalmente em relação aos nomes das pessoas que estavam no avião.No estúdio de São Paulo também estavam presentes o prefeito da cidade de Chapecó, Luciano Buligon, e Plinio David de Nes Filho, presidente do Conselho Deliberativo da Chapecoense, ambos estavam na lista de passageiros do voo, mas não haviam embarcado. Os dois, assim como os jornalistas, estavam em pé demonstrando urgência em conseguir novas informações.

Galvão Bueno, por ser muito amigo de Ayrton Senna, foi retirado dos jornais, retornando apenas no dia seguinte fazendo uma emocionanteparticipação durante o Jornal Nacional. Onde aparece sentado com uma imagem do carro e um retrato do piloto brasileiro transparente como se fosse uma imagem se desfazendo. Bueno falou por 50 segundos um texto simples, carregado de emoção, e terminou com um abaixar de cabeça demonstrando pesar. "Vai com Deus, meu irmão", foi a frase que utilizou para terminar sua aparição. A transmissão continuou com um vídeo feito no autódromo de Interlagos vazio, sempre buscando tons cinza, no final um poema de Affonso Romano de Santana embalado pelo tema da vitória, música característica tocada nas vitórias de Ayrton.

No caso Chapecoense, Galvão foi um dos principais rostos na maior parte das transmissões, fazendo diversas aparições durante a programação da Globo. Coube a ele a missão de fazer uma das coberturas mais tristes e difíceis da história da televisão brasileira: a chegada dos corpos dos mortos ao Brasil, o cortejo e o velório das vitimas. A Arena Condá, lar da Chapecoense, revia seus heróis de uma forma que não esperaria nunca. Galvão levou a transmissão de mais de quatro horas com calma, sensibilidade e respeito. A transmissão foi pautada por longos períodos de silêncio deixando espaço para o luto de todos. O apresentador soube medir os momentos de dar informações; de "narrar" os acontecimentos; e de deixar o silêncio falar por ele. Na chegada dos aviões "Hércules" das

forças armadas brasileiras, que carregavam os corpos, Galvão, com a voz claramente embargada, desejou boas vindas e chorou.

O responsável por transmitir tantas alegrias ao povo brasileiro foi pego de surpresa por duas grandes tragédias, mas com toda sua experiência, soube se apropriar do momento e acalentar um pouco os corações de tantos brasileiros que choravam nesses momentos.

Lívia Laranjeira X Roberto Cabrini

A única equipe brasileira que estava na Colômbia antes do acidente era a do Sportv, com a jornalista Lívia Laranjeira. Repórter pouco acionada pelo canal teve um grande desafio e soube manter a calma. Durante a madrugada toda, manteve o país informado. Lívia, sempre serena em frente às câmeras, teve o cuidado de não dar informações precipitadas. Enquanto rumores de mortos ou sobreviventes surgiam, ela se manteve austera e só confirmava as informações quando tinha certeza. Diante da informação de que um último sobrevivente havia sido encontrado mesmo após as buscas serem encerradas, esperou até a chegada do jogador Neto ao hospital para confirmar que havia mais um sobrevivente.

Roberto Cabrini já era um nome conhecido no telejornalismo brasileiro quando teve a difícil missão de cobrir a morte de Senna. Cabrini era repórter de pista na Fórmula 1, portanto tinha contato direto com equipes, pilotos e organização. Após o acidente, teve que se desdobrar para manter as informações sobre a corrida e, ainda, conseguir informações sobre o estado de saúde do piloto brasileiro. Mais tarde, coube a Cabrini entrar ao vivo, às 13h55 da tarde, por telefone, para dar a notícia da morte de Ayrton Senna. O ruído na ligação era muito grande, por isso Cabrini escolheu dar a informação de forma clara e simples e ainda repetiu por quatro vezes a frase: “Morreu Ayrton Senna da Silva”. Na primeira vez que falou, o repórter citou a médica e o hospital onde o piloto se encontrava. E na última, deixou a voz vacilar para dizer: “Uma notícia que a gente nunca gostaria de dar: morreu Ayrton Senna da Silva.”

Jornal Nacional: Cid Moreira e Sérgio Chapelin X Giuliana Morrone e Heraldo Pereira:

Cid Moreira e Sérgio Chapelin sãomíticos jornalistas brasileiros, seus nomes são referências para todas as gerações do jornalismo brasileiro. Cid Moreiraé a caricatura perfeita de um apresentador que mantêm acomunicação com o telespectador apenas pelo

olhar. Um estereótipo que o teórico Eliseo Verón (1983) chama de: ventríloquo. Sérgio Chapelin também se enquadra nessa classificação, porém tem um pouco mais de expressão corporal. A morte de Senna ocorreu em um domingo de manhã. No dia seguinte, a edição do Jornal Nacional cobriu as tratativas sobre o translado do corpo de Senna e os preparativos para o velório e enterro. Os apresentadores iniciaram o jornal de forma séria com uma escalada mesclada com notícias sobre Senna e demais informações do dia.

O programa de 45 minutos dedicou 30 para tratar de Senna, mesclando reportagens de pessoas desconhecidas falando sobre Senna e, nas demais reportagens, onome de Senna sempre foi lembrado: seja por políticos ou por Carlos Alberto Parreira,técnico da seleção brasileira de futebol na época.

Vinte e dois anos depois, quem ocupava a bancada do Jornal Nacional quando o avião da Chapecoense caiu eram Heraldo Pereira e Giuliana Morrone. Ambos não eram os principais apresentadores do jornal, mas, especialmente Heraldo tem uma longa carreira no telejornalismo e anos de Jornal Nacional. Os apresentadores assumiram o papel de ventríloquos também, fizeram uma escalada apenas com tópicos referentes ao acidente e ao time da Chapecoense. O programa foi totalmente dedicado à tragédia e nos minutos finais, os jornalistas mortos no acidente foram lembrados. Já no encerramento do jornal, Galvão Bueno somou-se aos apresentadores e a toda a redação. Todos os jornalistas do Jornal Nacional, juntos,saudaramos jornalistas mortos. Uma salva de palmas que se entendeu por mais de um minuto e demonstrou o lado humano do jornalista.

Cid Moreira participou da cerimônia de velório da Chapecoense lendo dois trechos da Bíblia com sua voz, sempre, calma e marcante.

Jornal Hoje: William Bonner e Evaristo Costa

O Jornal Hoje se diferencia dos demais jornais da Globo. Sempre buscando um jornalismo mais próximo do público, descarta o uso do apresentador ventríloquo. Em 94, o apresentador era William Bonner, em 2016, era Evaristo Costa que estava na bancada. Ambos souberam levar a tristeza, noticiar a morte de forma mais leve. De forma apropriada para o horário. Evaristo anda pelo estúdio e vai até o telão para conversar com repórteres externos. Bonner apesar de, sempre sentado, utiliza gestos com as mãos e, em alguns momentos, narra pequenos textos para ilustrar o programa. No encerramento para o primeiro bloco, Bonner leu a definição da palavra herói, enquanto uma foto de Senna surgia na tela.

Jornal da Globo– Um momento cético:

O jornalista William Waack costuma apresentar as notícias de forma mais séria e técnica. No caso da Chapecoense, Wiliam escolheu iniciar o jornal apresentando os dados técnicos do avião e tentando desmistificar a tragédia. Apresentando dados sobre o avião, o tempo de voo, a quantia de combustível e as condições de terreno.

Wiliam Waack deixou um pouco o lado humano para falar das questões técnicas. Mesmo assim conseguiu ter sensibilidade e falar em pontos que, até então, ninguém tinha falado. O apresentador falou sobre as dificuldades do piloto e da comunicação dele com o controlador do aeroporto colombiano.

O apresentador ficou o tempo todo em pé ao lado do telão, interagindo com o equipamento para mostrar o trajeto do avião. Com o rosto sempre sério e a voz firme. Waack usou diversos termos técnicos, mas se preocupou em explicá-los.

Entretenimento e informação, Fausto Silva:

Fausto Silva é apresentador, humorista e jornalista. Apresenta o "Domingão do Faustão" há 28 anos. Faustão costuma ter um programa pautado no humor e na música. Mas nos momentos de grandes tragédias, o lado jornalista do apresentador vem à tona. Faustão dedicou todo seu programa do dia primeiro de maio de 1994 para falar sobre Ayrton Senna.Convidou o ator José Wilker, que foi descrito pelo apresentador como uma das pessoas mais sensíveis e inteligentes do meio, além de ser amante de esportes. Na abertura do programa, o apresentador disse que seria hipocrisia fazer um programa feliz, alegre. José Wilker citou o povo brasileiro:

> "Alguém disse: Infeliz do povo que precisa de heróis. Nós somos um povo que precisa de heróis cada vitória do Ayrton Senna era uma vitoria nossa, de cada um de nós, um povo que vem sendo constantemente derrotado e agredido pela irresponsabilidade de uns e pela imunidade de outros."

José Wilker e Faustão ficaram todo o programa em pé, como é costume no programa dominical, o semblante dos dois era fechado, se via a tristeza nos olhos deles. As filmagens normalmente eram focadas no rosto dos apresentadores e o fundo praticamente não aparecia. O clima de tristeza era latente.

No caso da Chapecoense, Faustão reservou a parte final de seu programa para falar sobre os mortos, as famílias, criticar a empresa aérea e as autoridades bolivianas que autorizaram a decolagem do avião. E disse que a solidariedade que surgiu em volta a

tragédia pode ser vista como um ponto positivo. Uma chance para o país mudar. A câmera focou em Fausto Silva e ao fundo imagens do velório das vitimas foram mostradas.

Imagens, o cerne da televisão.

Outros mediadores importantes e, por vezes, esquecidos são os cinegrafistas. A parte mais importante para o telejornalismo, aquilo que o difere dos outros tipos de jornalismo, é a imagem. Em ambos os casos aqui estudados o ápice cinematográfico, o momento em que as imagens mais belas foram produzidas, foi durante os velórios.

Ayrton Senna recebeu honras militares, tratamento que só é dado a chefes de estado. Os mortos na tragédia da Chapecoense também foram homenageados por militares. Em ambos os casos se via imagens do rosto dos soldados demonstrando a seriedade deles perante a sua tarefa, mas também a tristeza em seus olhos. A aeronáutica homenageou Ayrton com voos de caças e desenhando um coração no céu sobre a Assembléia Legislativa de São Paulo, local onde ocorria o velório.

Os mortos da Chapecoense foram trazidos por Hércules, aviões da aeronáutica brasileira, a cena do pouso dos aviões sobre intensa chuva ficará no hall da cinematografia brasileira para sempre. Assim como a passagem dos fãs pelo caixão de Ayrton.

No acidente da Chapecoense perdemos um dos maiores cinegrafistas do Brasil. Ari Junior. Ari fez coberturas importantíssimas para a história brasileira, principalmente para o esporte brasileiro. Cobriu a escalada do monte Olímpo quando brasileiros foram buscar o fogo Olímpico antes das Olimpíadas de 2016 e o terremoto no Nepal, que matou milhares de pessoas. Ari era capaz de ver coisas que ninguém mais via. Um verdadeiro jornalista. Um verdadeiro cinegrafista. Com a câmera nas mãos, se tornava um pintor e brincava com as cores, reconhecido por criar céus coloridos. Ari é reverenciado por seus pares, que se rendem ao talento que este homem tinha. O jornalista

E por fim: a lágrima – 22 anos depois e nada mudou

Ayrton Senna morreu no dia primeiro de maio de 1994. O avião da Chapecoense caiu no dia vinte e seis de novembro de 2016. Vinte e dois anos separam as duas tragédias. A mudança tecnológica é óbvia, vemos na cobertura da Chapecoense imagens e áudios com muito mais qualidade do que na de Senna. Porém, a dor transmitida e sentida é a mesma. Muitos profissionais trabalharam nas duas tragédias. Os rostos tristes, o luto de um país que

precisa de heróis, as vozes embargadas dos repórteres e o choro. O choro que muitos jornalistas não conseguiram segurar.

Jornalistas experientes, como Eric Faria, choraram durante o velório na Arena Condá. Ari Peixoto chorou ao anunciar que o corpo de seu colega, de empresa e de trabalho, Guilherme Marques havia sido reconhecido pelo Instituto Médico Legal da Colômbia. Ari chorou novamente, em outra entrada ao vivo, quando percebeu que seu colega Junior Alves (repórter cinematográfico) estava em lágrimas. O repórter Guido Nunes se entregou às lágrimas ao ser abraçado por dona Alaíde, mãe do goleiro Danilo, morto no acidente.

Roberto Cabrini embargou a voz ao anunciar a morte de Senna. Léo Batista e Fausto Silva conseguiram segurar as lágrimas, mas era evidente o quanto estavam sofrendo com a morte de Senna. O experiente narrador Galvão Bueno se permitiu embargar a voz por varias vezes durante a transmissão do velório da Chapecoense e também em sua participação no Jornal Nacional para falar da morte de Senna.

Considerações finais:

Coberturas de tragédias normalmente são levadas pelo lado humano. Não importa a qualidade e quantidade de tecnologia utilizada. Os mediadores sempre serão os principais responsáveis pela qualidade da transmissão. A medida de emoção e profissionalismo que for utilizada fará com que o público sinta a dor, mas seja acalentado por aqueles que levam a informação.

Uma das funções de um velório é fazer com que os vivos fiquem unidos por um tempo para que possam trazer calma e paz uns para os outros. Em casos de tragédias nacionais, como as duas aqui estudadas, a transmissão do velório é de extrema importância, pois faz com que todas as pessoas que sofrem, estejam perto ou longe, possam se sentir um pouco amparadas.

O texto da morte é sempre motivo de discussão entre especialistas, coberturas como as de velório causam estranhamento e muitos as consideram desnecessárias ou sensacionalistas. No caso das duas coberturas aqui estudadas,a imprensa respeitou as famílias e os mortos. Homenagens foram feitas. A saudade e a dor foram televisionadas.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, Carlos; OSTROVSKY, Ingo. **Fala, Galvão**. São Paulo: Globo Livros, 2015.

CASTRO, Ruy. **Flor da Obsessão, Reunião das 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues.** Cia das Letras: São Paulo, 1997, P. 110

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.

EMERIM, C.; CAVENAGHI, B. A. . Coberturas ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais. In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2012, Curitiba (PR). **ANAIS DO 10º SBPJor**. Curitiba (PR): SBPJor e PUC RS, 2012. v. 01.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Itania. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: Itania Maria Mota Gomes; Jeder Janotti Jr. (Org.). **Comunicação e Estudos Culturais.** 1ed.Salvador: EDUFBA_Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011c, v. 1, p. 29-48.

GOMES, Itania. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania (org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania M. M.. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise**. E-Compós (Brasília), v.8, p.1-31, 2007.

NEGRINI, Michele. **A morte em destaque: reflexões sobre o telejornalismo**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-13, 2011.

NEGRINI, Michele. Telejornalismo Em Análise: Considerações S obre Gênero Televisivo E M odo De E ndereçamento. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais do** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016. p. 1-15

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**.São Paulo: Contexto, 2013.

ROSA, Émellem. **O retrato da morte na TV: a apresentação das imagens da tragédia da Boate Kiss no Jornal Hoje**. 2015.Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas. Curso de Jornalismo.

SILVA, Fernanda Maurício. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SILVA, Fernanda Maurício. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento.** 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SILVA, J. M.. **Ainda existe o popular?**. In: BELTRÃO, LUIZ. (Org.). Folkcomunicação. 1ed.PORTO ALEGRE: EDIPUC, 2001, v. 1, p. 23-32.

SILVA, Tomaz Tadeu da.**Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.